



INVESTIGAÇÃO A BORDO

Devagar, sujo e agora sem respeitar as normas de saúde. O sistema ferry boat, administrado pela Internacional Travessias, vai de mal a pior e o TCE quer abrir a caixa preta. Págs. 4 e 5



divulgacao

■ Complicado

Prefeito de Alagoinhas, Joaquim Neto (PSD) apronta desde muito tempo atrás. A nova é o pedido do Ministério Público Federal (MPF) para que ele devolva um dinheiro supostamente desviado de contratos do transporte escolar. A quantia não é das mais módicas, não: R\$ 262 mil. Como se não bastasse, ele, que é médico, não cansa de promover aglomerações para tentar se manter no cargo. A conta ainda vai chegar...



reproducao/tv record

■ Novatos

Os deputados estaduais da Bahia vão conviver com duas novas figuras. Uma delas é o já conhecido Ângelo Almeida (PSB). Aliado de primeira hora da deputada federal Lídice da Mata, ele disputa, sem muitas chances, a prefeitura de Feira de Santana. Deve ficar na AL-BA mesmo. O outro é Josafá Marinho de Aguiar (Patriota), que é cantor evangélico e ainda uma incógnita. Pouco conhecido, chega à AL-BA com 26 mil votos.



divulgacao

■ Procura-se

A polícia brasileira ainda procura por Paulo Cupertino, acusado de assassinar Rafael Miguel e os pais do jovem ator em um crime que parou o país. Novas pistas apontam que ele se apresentava como Manoel Machado da Silva, com CPF falso, e trabalhava de caseiro em uma fazenda com um amigo que sabia de toda trama criminoso. Ao saber que a polícia estava perto, ele fugiu, acompanhado de um comparsa, em um helicóptero e agora os dois estão na mira da polícia.



matheus simoni/metropress

■ Quem vem

Outro pepino que em breve terá que ser descascado é a cassação de Marcell Moraes (PSDB). Além de saber quem vem pro lugar dele (muito provavelmente Tiago Correia), dizem que o deputado estadual Alan Sanches (DEM) pode sobrar. A conta do coeficiente eleitoral, que é difícil de fazer, poucos arriscam a cravar algo. Mas fato é que o próprio Alan está com medo de ser sacado do cargo, sem a menor culpa.

■ A várzea

Saudade de uma urna eletrônica, né, meu filho? A eleição dos Estados Unidos mostra que, pelo menos no sistema eleitoral, o Brasil sai na frente. Além da confusão de voto presencial e por correspondência, a contagem é demorada demais. Aqui no Brasil, no dia seguinte a eleição, já tem até mesmo pedido de impeachment do presidente eleito no dia anterior.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Alexandre Galvão e Matheus Simoni**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Alexandre Galvão, James Martins e Matheus Simoni**

Revisão **Alexandre Galvão e Matheus Simoni**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Jornal da
Metrópole
Grupo Metrôpole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrópole

A ELEIÇÃO INTERMINÁVEL

Delegados, desproporcionalidade entre os estados, cinturão da ferrugem, estados estratégicos, voto indireto, latinos conservadores, evangélicos da Flórida, interferências tecnológicas suspeitas da Rússia e da Estônia, votos pelo correio, judicIALIZAÇÃO dos resultados, risco de vitória do derrotado pelo voto popular e o fim da tinta da impressora dos resultados num condado deixando o mundo em suspense. Todos esses elementos fazem a democracia da nação mais poderosa do mundo ter a eleição mais confusa e anacrônica que se conhece.

Desde 1788 regida pela mesma Constituição, a eleição desta semana elege o 59º presidente dos Estados Unidos. As coisas andam tão mal no mundo que, nos últimos meses, a impressão era a

de que estávamos diante de uma eleição para presidente do mundo. De um lado, os pró-Trump, conservadores e defensores das teses mais estapafúrdias, essas que levam analistas políticos a desenharem como morrem as democracias. São mentiras de estado, teorias conspiratórias, ameaças de um co-

munismo fantasma que vai dominar o mundo, prisão de crianças filhos de imigrantes, negação da ciência e retrocesso de direitos civis.

Do outro lado, um senhorzinho de 77 anos, Joe Biden, democrata, com carisma equivalente ao de uma planta de plástico e de quem os humoristas fazem piadas que beiram o mórbido: ah, ainda está respirando após o debate. O máximo do entusiasmo a que chegavam os torcedores de Biden eram desabaços admitindo o fim de mundo a que chegamos. Ter que torcer para o velhinho democrata e campeão de gafes vencer o fanfarrão estúpido que caiu por um acidente na Casa Branca em 2016.

FORMIGA - E, apesar da torcida por Biden em nome de algum apreço pela democracia, na prática, excluindo-se as aberrações de Donald Trump, o papel dos Estados

Unidos no mundo muda muito pouco com um democrata ou um conservador eleito. Um meme recente traduzia o que muda no comportamento do país. Dois aviões dividem a tela. Ambos soturnos e cuspidos bombas e mísseis em algum lugar do planeta. O primeiro, um avião republicano, sem qualquer imagem em sua estrutura. O segundo, um avião democrata, tem 3 palavras de ordem adesivadas: 'black lives matter', 'yes, we can' e o arco íris símbolo da diversidade sexual do movimento LGBTQI+. É ironia trágica, mas bem próxima do real. Seja quem for o ocupante da Casa Branca, os Estados Unidos continuarão a ser o que acreditam ser: a polícia do mundo.

Fora de lá, deve ser consenso: como um país tão rico e detentor de tecnologias que mudam, há décadas, o jeito das pessoas estarem e vive-

rem, um país que manda gente para a lua, foguetes para tudo quanto é teto e buraco do universo, constrói satélites capazes de, do espaço, localizarem uma formiga, continua votando em 2020 como votava em 1788? E não se trata de manter o que funciona e dá certo. A cada eleição é a mesma confusão, interna, quando se sabe que qualquer país do mundo é capaz, hoje, de realizar uma eleição em um dia e fazer o óbvio: fazer cada cidadão apto a participar do sistema eleitoral valer um voto, e pronto.

58

presidentes já foram eleitos nos Estados Unidos

Seja quem for o presidente, EUA seguem como a 'polícia do mundo'

BAHIA

FERRY BOAT NA MIRA DO TCE

Sistema operado pela Internacional Travessias vai passar por auditoria do TCE; empresa é campeã em autos de infração na Agerba

Apuração

Texto **Alexandre Galvão**
alexandre.galvao@metro1.com.br

O feriado de finados reviveu um velho problema na vida dos baianos: o ferry-boat. Além da habitual demora, dessa vez o coronavírus apresentou um ingrediente ainda mais indigesto nas viagens conturbadas da empresa: a aglomeração. Depois de tanta incompetência, a Internacional Travessias parece que finalmente vai começar a enfrentar mares mais revoltos. O Tribunal de Contas do Estado (TCE) decidiu abrir uma auditoria para verificar a (má) prestação de serviço da empresa. Além da travessia para Itaparica, a Corte vai avaliar também a travessia Salvador-Mar Grande, que em 2017 foi palco de uma tragédia em alto-mar, com 18 mortos.

**Travessia
Salvador-
Mar Grande
no foco**



INTERNACIONAL TRAVESSIAS DESCUMPRIU REGRAS, DIZ TCE

RECORDE DE RECLAMAÇÕES

Presidente do TCE, Gildásio Penedo Filho afirmou ao Jornal da Metrópole que essa não é a primeira investigação no sistema. “Já tínhamos feito outras. No ano passado, julgamos as contas da Agerba e ela foram rejeitadas por problemas não só da Agerba, mas também partes do contrato que não foram cumpridos pela empresa”, afirmou. De acordo com Penedo, entre as

irregularidades está a inadequação de contrato – de 25 anos –, ampliação do sistema e falta de investimento nos terminais. O contrato entre a Internacional Travessias e a Agerba foi firmado em 2014 e o valor da concessão foi de R\$ 2.667.159.384,67. Além do TCE, quem também está marcando firme na Internacional Travessias é o Ministério Público. No início da pandemia,

o MP-BA notificou a justiça para que a empresa fizesse o básico: atendesse às organizações de saúde. A Justiça já havia determinado que o sistema de transporte marítimo adotasse medidas sanitárias de proteção contra a Covid-19, como demarcação do distanciamento, disponibilização de álcool em gel e uso de equipamentos de proteção individual pelos trabalhadores.

Com péssima prestação de serviço, a Internacional Travessias é alvo certo de reclamações na Agerba. De acordo com levantamento da agência, a empresa recebeu 555 autos de infração de 2014, quando assumiu o transporte, até 2020. As infrações mais recorrentes estão ligadas ao descumprimento de horários e condições de higiene, principalmente dos

banheiros, constantemente alagados e atolados de fezes. Recentemente, outros problemas têm se tornado comuns, como a ação de cambistas. A Internacional Travessias informou que tem combatido a ação de cambistas, em parceria com a Polícia Militar, e afirmou que desde que recebeu a concessão do serviço tem feito diversas melhorias no sistema.



tacio moreira/metropress

PONTE PODE SER SALVAÇÃO

Como o sofrimento com o ferry parece sem fim, a última esperança do usuário do sistema é torcer pela ponte Salvador-Itaparica. Secretário de Infraestrutura da Bahia, Marcus Cavalcanti revelou que a operação de ferry boat deve ser descontinuada – ou seja, encerrada – após a conclusão da ponte Salvador-Itaparica. “No contrato com o ferry, isso já está previsto. Não vamos ter dois concorrentes públicos. O ferry pode continuar, mas com outro atendimento. Não compensa a pessoa passar uma hora de carro para atravessar se pode fazer o mesmo trajeto em 15 minutos, com uma tarifa parecida”, indicou, em entrevista à Metrópole, no ano passado. Para quem chega à ilha sem carro, um sistema de integração por ônibus deve ser a solução. “Teremos um sistema para deixar a pessoa no centro da cidade, diferente de como

é no Rio de Janeiro, que ainda usam as balsas”. Ainda de acordo com Cavalcanti, já por conta dessa previsão, a Agerba estuda alugar uma nova embarcação – e não comprar, como seria o normal. “Estamos trabalhando para essa aquisição. O TCM nos mandou essa recomendação”, disse.

15 MIN
é o tempo da
travessia de
carro

BAHIA

À MERCÊ DA SECULT

Produtores culturais reclamam do atraso nos repasses da secretaria para a realização de festivais e indefinição sobre a agenda de retomada do setor cultural; pasta alega pendências burocráticas com próprios pagamentos

Área cultural

Texto **Matheus Simoni**
matheus.simoni@metro1.com.br

Em meio à pandemia de coronavírus e à incerteza sobre os rumos do setor cultural, organizadores de 15 festivais da Bahia cobram um posicionamento mais claro da Secretaria de Cultura do Estado (Secult) sobre a realização dos eventos em 2020. Uma carta divulgada nesta semana pede informações sobre os repasses financeiros devidos no âmbito do edital “Eventos Calendarizados”. Os representantes dos eventos denunciam atraso no pagamento de parcelas referentes a festivais realizados em 2019. Uma das vozes que denuncia o descaso é a do produtor cultural, cineasta e diretor do Espaço Itaú de Cinema - Glauber Rocha, Cláudio Marques, que também é comentarista da **Metrópole**. “Infelizmente, desde o ano passado, nós dos festivais calendarizados começamos a ter muitas dificuldades com o trato junto à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Tem uma nova equipe de prestação de contas, que está cada vez mais grave e difícil”, conta. O documento é assinado pelos produtores dos seguintes eventos: Festival de

Dança de Itacaré, Festival Internacional de Artistas de Rua, Festival Internacional da Sanfona, FILTEBAHIA – Festival Internacional Latino Americano de Teatro da Bahia, IC – Encontro de Artes, Projeto Cantoria de São Gabriel e Vivadança Festival Internacional.

Marques é responsável pelo Panorama Internacional Coisa de Cinema, que é realizado no Glauber Rocha. De acordo com ele, a edição do ano passado foi realizada sem o aporte financeiro da Secult. “A gente realizou sem ter um centavo da Secretaria de Cultura. Só recebemos dois meses depois. A segunda parcela a gente só recebeu semana passada de um festival que aconteceu no ano passado”, afirma o gestor. “Existe uma limitação na legislação que a gente não pode pagar ninguém que trabalhou no festival com dinheiro próprio ou emprestado”, acrescenta.

Produtores questionam atrasos da Secult-BA



“NÃO ENTENDO PORQUE ESTARIAM SABOTANDO”

Cláudio detalhou que os pagamentos atrasaram a prestação de contas dos eventos. Ele culpa a burocracia para firmar os acordos com o poder público. “Todos os festivais estão com esse risco disso acontecer. A gente vem insistindo e tentando uma comunicação com a Secretaria de Cultura, mas eles estão sendo muito invasivos. Eu não entendo porque a Secretaria de Cultura estaria sabotando uma de suas principais criações. Foi a Secretaria de Cultura, na gestão do

PT, que criou o edital dos calendarizados. A gente não entende porque a Secretaria de Cultura está lidando com a gente desta forma”, questiona o produtor. No entanto, ele reforça que a cobrança não se confunde com um ataque à secretária da pasta, Arany Santana. “A gente tem uma admiração profunda por Arany. A gente não quer ser visto como inimigo da Secult. A gente precisa de uma Secult fortalecida. Mas, ao mesmo tempo, eles precisam ter responsabilidade”.



pedro moraes/gaúba



SECULT CULPA “PENDÊNCIAS” POR ATRASOS EM REPASSES

Procurada pela **Metrópole**, a Secult apontou prestações de contas com pendências para não viabilizar esses repasses.

Em nota, a secretaria afirmou que a destinação da verba está atrelada a três itens: obrigações legais, aptidão no momento do desembolso, entrega e aprovação das prestações de contas das

parcelas anteriores, além de valor e período de concessão de recursos por parte da Secretaria da Fazenda (Sefaz). “Os proponentes já foram informados sobre a necessidade de eventuais ajustes nas prestações de contas, sobre o andamento dos processos e receberam orientações para sanar as pendências identificadas. A re-

alização de edições dos eventos durante a pandemia está condicionada à apresentação e aprovação de novos planos de trabalho, que estejam adequados à realidade propiciada pela Covid-19, em formatos que atendam às regras sanitárias vigentes”, declarou a pasta em nota. Confira o posicionamento no **Metro1**.

eloi correa/gaúba

8,8

é o valor destinado aos festivais calendarizados



ENTREVISTA

NATALIA PASTERNAK

160

vacinas contra
a Covid-19
estão sendo
desenvolvidas

■ Bióloga e pesquisadora

Bióloga, Natália Pasternak acredita que o Brasil deveria olhar o comportamento do coronavírus na Europa como um exemplo. Em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metrôpole**, ela afirmou que a sensação de queda da doença fez a segunda onda acontecer no Velho Mundo.

“A gente tem que olhar para a Europa e ver o que aconteceu e acender o sinal de alerta. As pessoas ficaram empolgadas, a taxa de transmissão tinha caído muito, os jovens estavam animados, veio o verão, circularam

“Fala pra uma
pessoa que teve
Covid se ela acha
que imunidade
de rebanho é
bom”



VACINAÇÃO

muito e daí veio a segunda onda na Europa. Aqui no Brasil estamos um pouco atrasados, junto do verão tem as festas de fim de ano, e a gente deveria olhar para a Europa como exemplo e não cometer os mesmos erros. Temos que lembrar que a pandemia não acabou”, afirmou.

Natalia defendeu ainda que a vacina contra a doença seja analisada por aspectos técnicos, e não políticos e geográficos. “Vacina não tem passaporte. Tem eficácia e segurança. É isso que a agência regulatória tem que olhar. Tem que olhar os dados e saber se protege. É isso que a Anvisa tem que fazer. É no laudo da Anvisa que vamos confiar. Quem decide se a vacina é boa é a Anvisa, não é presidente, não é governador”, analisou.

gute garbelotto/usp

DANIEL AARÃO REIS

■ Historiador e professor

O historiador Daniel Aarão Reis, professor da pós-graduação em História na Universidade Federal Fluminense (UFF), avalia o desempenho da extrema-direita em meio à eleição presidencial nos Estados Unidos. Para o especialista, a ascensão de Donald Trump ao poder reflete desejos de nichos cada vez mais específicos da sociedade. “A eleição do Trump e em outros lugares do mundo com vitórias a candidatos de extrema-direita, eu atribuo a dois fatores. Antes de analisar, é evidente que a extrema-direita tem sempre um nicho em todas as sociedades complexas.

Esse nicho formado por grandes plutocratas e a classe média mais aquinhoadas, que recebe mais e sempre está mais disposta e simpática a estes candidatos de extrema-direita que anunciam-se como partidários da diminuição dos impostos e incentivos, de toda ordem, aos governos capitalistas”, afirmou o educador, em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrópole**.

Para Aarão, os grupos de oposição a esses governos de extrema-direita não conseguem apresentar alternativas claras para as pessoas que se sentem de fora de políticas públicas.



fernanda dias/bienal do livro

LIA: IMORTAL DE VANGUARDA

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

Lia Robatto foi eleita essa semana para ocupar uma cadeira na Academia de Letras da Bahia. Dito isto, pulo o assunto e foco apenas nela, i. e., em Lia. A coreógrafa se insere, sem favor, na linhagem de Pierre Verger, Lina Bo Bardi, Carybé e outras aves raras que formam a distinta ala dos baianos por acaso nascidos noutros lugares. No caso, em São Paulo, em 1940. Aos 17 anos, a convite da polonesa Yanka Rudzka, Lia Robatto veio a Salvador para atuar, por três meses, na pioneira Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, parte da aventura magistral capitaneada pelo reitor Edgard Santos e que teve (ainda tem) repercussões sobre toda a cultura nacional. Acontece que aquele trimestre previsto nunca se acabou e Lia, desde então, converteu-se em uma das mais importantes intérpretes do que ainda chamamos baianidade.

Seja como dançarina, coreógrafa, professora ou cidadã. “A minha falha, em São Paulo, era não ter contato com a cultura popular. Já aqui eu mergulhei de cabeça, conheci todas as festas, todas as danças, os candomblés da vida... e isso, para mim, foi mais forte que a própria universidade”, declarou. Mergulho nas manifestações populares sem perder, contudo, o pé na vanguarda estética. Assim, a mesma artista que montou o espetáculo “Sertania”, com música de Ernst Widmer, no início dos anos 1980, encarou também, no fim dos 90, o desafio de coordenar o grupo de dança do Projeto Axé — com crianças em situação de vulnerabilidade social. Em ambos, aprendeu e ensinou. Filha do poeta concreto Pedro Xisto (autor do clássico ZEN), Lia impregna suas coreografias com signos os mais variados, multidisciplinar que é pela própria natureza. “As outras linguagens me influenciam muito mais que a própria dança”, re-

flete. Assim, na 3ª Bienal da Bahia, ela propôs e coordenou um “Processo Compartilhado” que reuniu, além de dançarinos, poetisas, músicos e artistas plásticos. E por tudo isso, numa sociedade cada vez mais fragmentária e numa Bahia cada vez mais esquecida de si, evocar a presença esvoaçante de Lia Robatto é fundamental. Seja qual for o pretexto. “Toda arte, com consciência ou inconscientemente, é política”, disse ela ao ser homenageada pela Cia de Dança de São Paulo, em 2012. E se a política não honra a arte, que a arte informe à política. Voar, Lia!

Lia vai ocupar cadeira de número 15 na ALB



alfredo mascarenhas/bienal do livro

CURSO DE **20 e 21 NOV**

IMERSÃO EM **PRF**

Concentrados Sanguíneos da **Odontologia.**



Dr. Jorge Filho
CRO/BA - 8781



Dr. Bruno Botto
CRO/BA - 8721



institutoprime.odo.br

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Dr. Tiago Cunha
CRO/BA - 6725